

Artigo

Balizas intercambiáveis entre Estilística e Crítica Televisiva

Reflexos da alegoria enquanto condutor narrativo em “Cúmplices de um Resgate”

João Paulo Lopes de Meira Hergesel¹

Resumo

A crítica de televisão pode ou não pender para uma observação acerca dos recursos estilísticos aplicados ao audiovisual. Pensando nisso e tendo como enfoque a fase inicial de “Cúmplices de um Resgate”, telenovela infantojuvenil do SBT, questionou-se como a crítica apreendeu a alegoria, enquanto aspecto expressivo da linguagem, utilizada para narrar o conflito inicial das personagens vividas por Larissa Manoela. Selecionou-se, como recorte, a sequência inicial do primeiro capítulo da obra. Sustentando como objetivos verificar a interferência da Estilística na produção de obras audiovisuais e analisar como a crítica trata (ou não) desse aspecto, recorreu-se a uma visita às pesquisas de Antonio Cândido, Eugênio Bucci e Juliana Lopes de Brito, dentre outros autores ligados a essa temática. Posteriormente, optou-se por analisar sete textos de diferentes críticos de televisão brasileiros a respeito do objeto, a fim de se estabelecer uma possível relação entre a crítica e as marcas estilísticas utilizadas na obra.

Palavras-chave

Análise de produtos audiovisuais; Televisão; Crítica televisiva; Estilística; SBT.

Abstract

The television criticism may or may not tilt to an observation about the stylistic resources applied to the audiovisual. With this in mind and with focus on early stage from "Cúmplices de um Resgate" (Accomplices to the rescue), a Brazilian soap opera for children and youth produced by SBT, there was a wonder about how the critical seized the allegory as an expressive aspect of language used to narrate the initial conflict of the characters performed by Larissa Manoela. This research selected as *corpus* the opening sequence of the first chapter from the object. The purpose was to verify the interference of Stylistics in the production of audiovisual products and analyze how the criticism comes (or not) this aspect. This paper resorted to a visit to the research by Antonio Candido, Eugenio Bucci and Juliana Lopes de Brito, among other authors linked to this issue. Later, it was decided to analyze seven texts from different Brazilian television critics about the object in order to establish a possible relationship between criticism and stylistic marks used in the work.

Keywords

Analysis of audiovisual products; Television; Television criticism; Stylistics; SBT.

Resumen

La crítica de televisión puede o no puede inclinar a una observación acerca de los recursos estilísticos aplicados al audiovisual. Con esto en mente y con el foco en la fase inicial de “Cúmplices ao Resgate” (Cómplices al rescate), telenovela para niños y jóvenes producida por SBT, se preguntó cómo el crítico discutió la alegoría como aspecto expresivo del lenguaje utilizado para narrar el conflicto inicial de los

¹Doutorando em Comunicação na Universidade Anhembi Morumbi (UAM) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PROSUP/Capes). E-mail: p_hergesel@hotmail.com

personajes vividos por Larissa Manoela. Se seleccionó como el *corpus* la secuencia de entrada del primer capítulo de la obra. El propósito fue verificar la interferencia de la Estilística en la producción de obras audiovisuales y analizar cómo el crítico observa (o no) este aspecto. Para ello, se recurrió a una visita a los estudios de Antonio Candido, Eugenio Bucci y Juliana Lopes de Brito, entre otros autores vinculados a este tema. Después se decidió analizar siete textos de diferentes críticos de televisión brasileños sobre el objeto con el fin de establecer una posible relación entre la crítica y las marcas estilísticas utilizadas en el producto.

Palabras clave

Análisis de productos audiovisuales; Televisión; Crítica de televisión; Estilística; SBT.

Introdução

Pesquisas sobre o SBT rendem uma tese de doutorado. Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, o projeto do qual este trabalho deriva tem como enfoque a análise estilística de programas desenvolvidos pelo Sistema Brasileiro de Televisão. Embora o principal objeto de estudo da referida tese sejam os programas de auditório, formato que consagra a emissora, escolheu-se, para este artigo, abordar a telenovela “Cúmplices de um Resgate” como recorte, visto que o primeiro capítulo apresenta uma sequência inicial que recorre à narrativa alegórica – fenômeno diretamente ligado a Estilística.

Escrita por Iris Abravanel – com colaboração de Carlos Marques, Fany Higuera, Grace Iwashita, Gustavo Braga e Marcela Arantes e supervisão de texto de Rita Valente –, a telenovela, que tem direção geral assinada por Reynaldo Boury – em parceria com Luiz Antônio Piá, Mário Moraes, Ricardo Mantoanelli e Roberto Menezes –, conta a história de irmãs gêmeas separadas no nascimento. No ar desde 3 de agosto de 2015, trata-se de uma adaptação da novela mexicana *Cómplices al Rescate*, de autoria de Rosy Ocampo.

Por se tratar de uma adaptação, elementos são adicionados e subtraídos do roteiro. Uma das problemáticas encontradas por Iris Abravanel é que, na versão original, a trama se inicia com as protagonistas já adolescentes, sem uma justificativa introdutória de como as irmãs foram separadas. Desejando inserir uma passagem explicativa, mas preocupada com o público-alvo – considerando que poderia ser agressivo para crianças apresentar o sequestro de um bebê –, Abravanel optou por fazer uso da alegoria.

Imergindo no mundo dos contos de fadas, Abravanel mostrou o sequestro da criança dentro de um universo mágico, proporcionado por um livro que a personagem Dóris lê na biblioteca, para depois estabelecer um diálogo com o que a diegese consideraria “vida real”. Coube a este trabalho, portanto, verificar como a crítica televisiva observou a alegoria, fenômeno da Estilística, como recurso condutor de uma narrativa infantojuvenil, movido pela inquietação em descobrir como a alegoria deu conta de exhibir, de forma sensível e afetiva, a separação das gêmeas Isabela e Manuela, personagens vividas pela atriz Larissa Manoela.

Figura 1 – Personagens Manuela e Isabela, irmãs gêmeas interpretadas pela atriz Larissa Manoela, em *Cúmplices de um Resgate*. No meio, o cachorro Manteiguinha.



Fonte: SBT – Divulgação

Dentre alguns teóricos utilizados, estão: Antônio Candido (2010), nas discussões acerca de teoria da crítica; Eugênio Bucci (2004), nas abordagens sobre crítica de televisão; e Juliana Lopes de Brito (2003), no que compete à crítica de telenovela. Com isso, procurou-se entender como a crítica registra a interferências da Estilística na produção de roteiros de telenovela. Para isso, portanto, elegeu-se como *corpus* a sequência inicial de 11 minutos da versão brasileira de “Cúmplices de um Resgate”.

A sequência começa com Dóris folheando um livro e, enquanto a câmera mergulha em uma das ilustrações, que servirá de ambientação para a subdiegese (ou diegese da diegese, *mise en abyme*²), a garota faz a narração: “Em um reino não muito distante...”. A Floresta Encantada, com direito choupanas e palácios, entra no foco da narrativa, em possível alusão ao universo mágico proporcionado pela leitura.

Nessa passagem, a abertura é marcada pela donzela plebeia que lamenta com a mãe a fuga do marido, mas mostra-se esperançosa por seu retorno. Também é mostrada a falsa gravidez da rainha má e pacto que o escudeiro paladino faz com o médico, nas trevas da floresta noturna, em troca de um baú cheio de tesouros. O desmaio da donzela durante o parto das gêmeas e o chamado de sua mãe, cerzideira, ao trabalho são elementos-chave para facilitar o roubo de uma das crianças pelo vilão.

No palácio, a rainha má aparenta estar descontente com o fato de o bebê ser do sexo feminino, mas o rei demonstra empatia por aquela que acredita ser sua filha biológica. A sequência se encerra congelando a imagem do rei abraçado com a princesa e a câmera se move em *travelling*, reforçando que saiu de dentro do livro. O último frame se transforma em ilustração, e Dóris encerra a sequência com a narração: “Orlando abraça a filha fortemente”. Em seguida, seu irmão, Mateus, interrompe sua leitura para chamá-la.³

É perceptível, na sequência do universo fantástico, que a heroína da narrativa foi retratada como a camponesa ingênua, enquanto a anti-heroína foi figurativizada pela imagem da rainha má. Configura-se, assim, a alegoria (Hergesel, 2011), isto é, uma espécie de metáfora continuada cuja consistência encontra-se na substituição do chamado pensamento em causa por um outro pensamento; este outro pensamento está ligado, numa relação de semelhança, ao primeiro pensamento.

² Consideramos *mise en abyme* toda narrativa que traz uma narrativa dentro de si: um sonho dentro de um sonho, um quadro dentro de um quadro ou, no caso, uma ficção inserida na ficção.

³ Uma prévia desta parte analítica foi apresentada no GT Debates Livres do 6.º Seminário Histórias de Roteiristas, realizado de 17 a 18 de setembro de 2015, na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Em outras palavras e de uma maneira mais generalizada, a alegoria é a figura de linguagem que se caracteriza por um conjunto de metáforas, imagens e comparações, formando uma produção totalmente fantasiosa, sem vínculo explícito com a denotação. Diante disso, perguntou-se como a crítica de televisão, talvez o meio mais amplificado de se ter uma opinião geral acerca de um produto televisivo, enxergou esse aspecto estilístico.

Teorias sobre a crítica – em um resgate

Ao se imergir nos estudos televisivos, é preciso ter clareza das relações que tal veículo de comunicação estabelece com a sociedade. Para Ribeiro, Sacramento e Roxo (2010), “a televisão *na* sociedade e a sociedade *na* televisão não existem como meros reflexos de um no outro, mas como balizas dinâmicas, intercambiáveis, negociáveis e em disputas” (p. 8). Com isso, entende-se que não se deve analisar apenas um, desconectando-o do outro; é necessário trabalhar o conjunto produção/recepção, obra/público, estilo/crítica. Candido (2010) explica:

Tal método [“estilístico-sociológico, fundindo os processos estilísticos com os métodos histórico-sociológicos para investigar os fatos] permitirá levar o ponto de vista sintético à intimidade da interpretação, desfazendo a dicotomia tradicional entre fatores externos e internos [...] Os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra (p. 24).

Percebe-se, por essa passagem, que os recursos estilísticos estão diretamente ligados aos aspectos das ciências sociais, propondo não somente um diálogo, mas uma combinação de dados. Quando se opta por um *corpus* que compreende textos da crítica televisiva, portanto, é relevante que se verifique se essa crítica aborda os elementos de estilo da obra e, conseqüentemente, oferece um levantamento dos aspectos considerados pertinentes ao contexto sócio-histórico.

Ao se propor uma análise sobre as críticas da novela “Cúmplices de um Resgate”, como de qualquer outra telenovela, não se espera ter em destaque apenas sua diegese e/ou sua

proposta de narrativa ficcional como um produto midiático isolado, mas como uma produção social. Nas palavras de Bucci (2004):

A crítica de televisão não lida (apenas) com a estética. Ela não tem por objeto uma arte, mas um fato social como a própria língua (ou como a linguagem). Portanto, deve declarar que, discutindo a cultura, está discutindo a sociedade e seus sujeitos. A crítica de televisão, hoje, é uma crítica do poder (p. 42).

Ainda que o poder esteja no fato de que o tratamento aos receptores seja de os considerar agentes ou sujeitos culturais, rompendo com a ideia da agulha hipodérmica (os meios de comunicação injetam informações críveis para a massa com o propósito de alienação), a sugestão pela existência da crítica televisiva contém motivos ainda mais intensos. Para Gabriel Priolli, pesquisador e profissional de televisão (apud BRITO, 2003):

A crítica de televisão é diferente da crítica de arte pelo fato de não ter uma relação com a indução do consumo, como acontece com a crítica cinematográfica ou com a crítica de artes plásticas. Ela não funciona para estimular as pessoas a irem ou não assistir o filme, ou a comprar o disco, por exemplo. Até porque, quando o telespectador vai ler o seu texto, ele já viu o programa de televisão (p. 14-15).

É fato que, quando as críticas a respeito do início de “Cúmplices de um Resgate” foram difundidas, o capítulo já havia ido ao ar e atingido uma audiência bastante significativa para a emissora. A função da crítica, portanto, não seria fazer o leitor ter acesso ao referido capítulo; no máximo, sugerir que acompanhem os capítulos seguintes para concordar/discordar do parecer do crítico.

Em comparação às outras mídias, a televisão ainda tem destaque quanto à produção de críticas, pelo menos conforme Silva e Soares (2013):

No universo midiático tem sido a televisão que mais provoca diferentes tipos de crítica (acadêmica, jornalística e popular-social) sobre seus produtos e processos de produção,

recepção e interação social, em especial em relação aos seus programas de ficção, com destaque para as telenovelas (p. 821).

Ressalta-se, aqui, que, embora a crítica popular seja, de fato, bastante forte em cima da televisão, sobretudo com a ascensão das redes sociais e da inserção da televisão na hipermídia, a afirmação de que ela ainda provoca produções acadêmicas e jornalísticas é preocupante. Quanto ao produto analisado neste trabalho, por exemplo, a produção de cunho científico a seu respeito (não apenas crítico, mas no que tange a outras áreas) é inexistente. Esse é um dos motivos pelos quais se decidiu trabalhar com a crítica de jornais e portais de notícias especializado em entretenimento.

Uma possível justificativa para a escassez de referências acadêmicas sobre “Cúmplices de um Resgate” é o fato de a telenovela ainda não ter terminado. De acordo com o jornalista Inácio Araújo, em menção registrada em uma dissertação de mestrado com essa temática (cf. BRITO, 2003):

Ver o primeiro capítulo de uma telenovela e criticá-la é insuficiente; equivale a criticar a primeira página de um livro, ou a tomar a Mona Lisa e comentar os 6 cm² da parte inferior esquerda, compara. A ressalva feita pelo jornalista exemplifica um dos obstáculos para o crítico de telenovela (p. 14).

Por sua vez, Brito (2010) contra-argumenta:

O primeiro capítulo, embora represente uma pequena parte do que é uma telenovela, contém muitas informações valiosas acerca do que se poderá esperar da trama, constituindo-se para o bom crítico num material que lhe permite antecipar os prováveis caminhos da obra (p. 14).

Acreditou-se, portanto, que, diante de uma produção amplamente divulgada e com promessa de sustentar sua antecessora – a saber: “Chiquititas” – no quesito audiência, seria viável que a maioria dos críticos de mídia voltados a essa área estivesse preparado para emitir um comentário a respeito. Suspeitou-se, ainda, que o fato de o primeiro

capítulo abusar de um instrumento linguístico valioso, que é a alegoria, despertaria o interesse nessa discussão – o que, em linhas gerais, não ocorreu.

Por fim, teve-se em mente que, ao propor uma pesquisa com essa finalidade de investigação, haveria uma forte contribuição não só para a área de Comunicação como também para a de Cultura e de Linguagens, uma vez que esse tipo de produção (a crítica) tem conexão direta com o mundo, como diria Barthes (2007). Para ele, “a crítica é discurso sobre um discurso; é uma linguagem segunda ou metalinguagem, que se exerce sobre uma linguagem primeira (ou linguagem-objeto)” (p. 160).

Cúmplices de uma alegoria

Diante das abordagens que pulularam na semana de estreia da telenovela, sete críticos de televisão, consagrados por seu trabalho como jornalistas, manifestaram sua opinião acerca da narrativa que o SBT passou a veicular. Este trabalho selecionou sete profissionais brasileiros que se expressaram por meio de jornais de notícias, portais de informação ou mesmo páginas pessoais já reconhecidas. A intenção foi verificar como a crítica apreendeu a alegoria, enquanto aspecto expressivo da linguagem, utilizada para narrar o conflito inicial das personagens vividas por Larissa Manoela.

Patrícia Kogut,⁴ do Jornal O Globo, escreveu:

“Cúmplices de um resgate” tem a seu favor a realização. No gênero, é bem-dirigida e livre de efeitos toscos. Se o elenco conversa com flores cenográficas e contracena com baús repletos de ouro é porque a história pede. A novela lembra as montagens mais desprovidas de imaginação de “Branca de Neve”, mas por escolha artística, não por acidente. É essa mesma escolha que deverá acertar aquele público do SBT que acompanhou com gosto “Chiquitas”, “Carrossel” e afins. Essa trama, como as outras, equilibra bem a previsibilidade e as intrigas pueris.

⁴ Jornal *O Globo*. Disponível em: <<http://goo.gl/WdY34P>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

Existe, em suas palavras, uma menção ao recurso estilístico e sua suposta utilização: “por escolha artística”. No entanto, o roteiro é desconsiderado em sua relação com o sentido conotativo; a crítica foca-se na direção e na composição de cena, bem como no espectador idealizado e como esse público-alvo receberia a mensagem, muito mais do que os enlances da trama.

Já Neuber Fischer,⁵ do Observatório da Televisão, resenhou:

Com qualidade ímpar em cenografia, figurino, maquiagem, iluminação e sonoplastia, a nova novela adaptada por Iris Abravanel, guardadas as devidas proporções e limitações, é digna de produções hollywoodianas. Alegre, colorida, família, Cúmplices de Um Resgate [...] mistura a magia do conto de fadas, com a simplicidade do interior e elementos típicos de um dramalhão como gêmeas separadas da família ao nascer, príncipe (mocinho rico) e camponesa (mocinha pobre) que se apaixonam, bruxa (vilã e rica), que faz de tudo para atrapalhar a vida dos bons, entre outros clichês, que todo mundo adora.

É notável que essa crítica exalta os aspectos positivos, muitas vezes beirando a hipérbole, o exagero, como em “digna de produções hollywoodianas”. Também pode-se perceber que o crítico menciona sutilmente a presença da alegoria, pelo menos ao estabelecer as relações príncipe/mocinho rico, camponesa/mocinha pobre e bruxa/vilã e rica. Esse fenômeno estilístico, entretanto, não é explorado; a presença dos efeitos especiais chama mais a atenção do que as estratégias narratológicas.

Outros críticos, como Nilson Xavier⁶, Maurício Stycer⁷, James Akel⁸, José Armando Vanucci⁹ e Flávio Ricco¹⁰ fazem abordagens comuns à produção audiovisual: direção, elenco, ângulos e posicionamento de câmera, figurino, cenografia e até mesmo autoria. Contudo, o roteiro e suas artimanhas deixam de ser destaque – ou até mesmo de ganhar uma nota de rodapé. Críticos como Fabíola Reipert e Odair Braz Jr., conhecidos por

⁵ Disponível em: <<http://goo.gl/2QyBNs>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

⁶ Disponível em: <<http://goo.gl/ImW3gB>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

⁷ Disponível em: <<http://goo.gl/QHy1kw>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

⁸ Disponível em: <<http://goo.gl/7vtPqg>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

⁹ Disponível em: <<http://goo.gl/Vrf8En>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

¹⁰ Disponível em: <<http://goo.gl/kqQDgU>> Acesso em: 13 dez. 2015.

também estabelecerem comentários sobre telenovelas, não escreveram nada sobre o respectivo programa.

Considerações finais

A crítica de televisão, no que concerne aos textos produzidos tendo “Cúmplices de um Resgate” como enfoque, segue enfraquecida. Após a análise de sete textos publicados em diversos espaços durante os dias 3 e 18 de agosto de 2015, notou-se que os críticos tenderam a discutir o trabalho do autor, do diretor, da cenografia, do figurino, do elenco. No entanto, não foram oferecidas discussões acerca do que está além da *mise-en-scène*.

Apenas uma crítica – das sete disponíveis em rede até a supracitada data – menciona os aspectos estilísticos, chamados pela autora de “escolha artística”. Inexiste, todavia, um aprofundamento no assunto, elencando o que seria a alegoria e suscitando os motivos de sua utilização; aparentemente, a intenção foi destinar ao gênero – ou até mesmo à história – relevância maior que à trama.

Além disso, em nenhuma das críticas há uma consideração da novela como constructo social; ela é tratada, enquanto narrativa televisiva, como obra *per se*, sem vínculo presente com a realidade, nem discussões exploradas acerca da devoração por parte do público. Tampouco existe relação entre o *remake* e a obra original, dando àquela o caráter de produto inédito, sem dependências; no máximo, apropriação e reinvenção.

Propõe-se, com isso, que a segregação entre televisão e sociedade continua fortemente presente na crítica brasileira contemporânea. É preciso rever esses conceitos e trabalhar para que as arguições dos críticos de mídia não se limitem ao subjetivismo e/ou à superficialidade. Somente com abordagens fundamentadas e com explicações plausíveis, teremos a idealizada crítica do poder.

Referências

HERGESEL, J. P.. A imagética na estilística: comparação, imagem, metáfora e alegoria na literatura infantojuvenil brasileira. **Revista Ensaios**, v. 1, p. 55-69, 2011.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BUCCI, Eugênio. **Videologias**: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

BRITO, Juliana Lopes de. **Crítica de telenovela**: o que é, onde está e o que dizem os críticos. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, 2003. Disponível em:

<<http://www.facom.ufba.br/portal/wp-content/uploads/2012/11/Monografia-Trabalho-de-Conclus%C3%A3o-de-Curso-Jornalismo-20031-Juliana-Lopes-de-Brito.pdf>>.

Acesso em: 13 dez. 2015.

CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In: _____. **Literatura e sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. (Org.). **História da televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Gislene; SOARES, Rosana de Lima. Para pensar a crítica de mídias. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 820-839, set./dez. 2013.